

Somos ramos de qual tronco e quais frutos produzimos?

Amadas irmãs, amados irmãos, que a paz de Deus seja abundante em sua vida!

No 5º Domingo da Páscoa (2 de maio de 2021), somos brindados com a fala de Cristo Jesus que aponta para nossa condição metafórica de sermos seus ramos, enquanto Ele se coloca como a verdadeira videira, o que nos permite produzir bons frutos caso mantenhamos essa ligação e consequente nutrição. Dessa forma, apenas unidos a Cristo e seguidores de suas verdades poderemos ter acesso à plena vida.

Vejamos o texto evangélico e, em seguida, algumas reflexões a respeito:

1Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não der fruto em mim, ele o cortará; 2e podará todo o que der fruto, para que produza mais fruto. 3Vós já estais puros pela palavra que vos tenho anunciado. 4Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. 5Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. 6Se alguém não permanecer em mim será lançado fora, como o ramo. Ele secará e hão de ajuntá-lo e lançá-lo ao fogo, e queimar-se-á. 7Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito. 8Nisto é glorificado meu Pai, para que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. (Jo 15,1-8)

Tenhamos em mente que esta passagem ocorreu na noite de quinta-feira, após a Última Ceia, quando Jesus estava prestes a ser preso, torturado e morto. Não era apenas um discurso de despedida, mas, acima de tudo, suas últimas indicações, o seu “testamento”. Estavam sendo repassadas as coordenadas para que seus discípulos pudessem continuar a missão de Jesus no mundo, e, por continuidade, para cada um de nós. Dessa forma, a comunidade da Nova Aliança nasce alicerçada no serviço (cf. Jo 13,1-17) e no amor (cf. Jo 13,33-35), devendo dar seguimento às obras de Jesus, animada pelo Espírito Santo (cf. Jo 14,15-26). Em que pese ser o presente discurso proferido antes da Páscoa, ele é essencialmente pascoal, apontado para a vida a ser vivida com vistas à formação do Reino de Deus, caracterizada pelos bons frutos produzidos por aqueles que se mantiverem interligados ao Senhor. Estabelece-se, então, uma identidade a ser formada por aqueles que assim permanecerem em seu cotidiano.

Vejamos que Jesus não se intitulou como o tronco de uma videira, mas como a própria videira, cujos frutos produzidos precisam ser desenvolvidos em cada um dos ramos a Ele ligados, desde que recebam a sua “seiva”, dela sendo nutridos.

Comumente dizemos que não podemos colher mangas de uma bananeira, ou goiabas de uma macieira. Assim sendo, fica evidente quais seriam os frutos a serem produzidos e colhidos da videira apresentada por Cristo Jesus – a verdadeira videira. Porém, tais frutos brotam de ramos dessa videira caso estejam ligados ao tronco principal, recebe ricamente sua seiva nutricional.

Ser ramos da videira de Cristo representa receber sua seiva, seu alimento, sua vida, transformando, assim, sua verdade em frutos, em ações, é possibilitar o brotar de frutos da justiça, do amor, da verdade e da paz. Lembremo-nos de que os ramos não têm vida própria, não sendo capazes de produzir frutos por si próprios quando não estão ligados ao tronco que lhes deu origem, necessitam da seiva que, no caso, lhes é comunicada por Jesus, seiva essa que é sua verdade, seus ensinamentos, razão pela qual somos convidados para nele permanecer (v. 4). Atentemo-nos para o verbo permanecer, que aparece 7 (sete) vezes entre os vv. 4 e 8, expressando a confirmação ou renovação de uma atitude já anteriormente assumida. Não basta respondermos inicialmente ao chamado de Jesus, precisamos, com nossas ações, com nossos frutos, demonstrar nossa constância e nossa continuidade em tal situação. Pelo exposto, caso mantivermos nossa adesão, Jesus, por sua vez, permanecerá conosco, ou seja, continuará fielmente a oferecer a sua “seiva”, alimentando-nos continuamente.

Entretanto, poderíamos questionar: o que seria estarmos unidos a Jesus?

O próprio Jesus, por meio da narrativa de João, avisa-nos: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56), sendo que a “carne” de Jesus é a sua vida e o seu “sangue” representa a sua entrega por amor até à morte. Dessa forma, “*comer a carne e beber o sangue*” de Jesus é associar-se a Ele, com serviço e entrega por amor, até o limite total de si mesmo. Tal unidade é mantida por aqueles que acolhem no coração essa proposta de vida, comprometendo-se com uma existência de entrega e partilha amorosas e desinteressadas. Assim, fica evidente que essa união não se dá de forma automática e perene, muito menos somente com acordos verbais, mas depende de uma decisão consciente e livre, a qual requer contínua renovação e cotidiana ação.

No entanto, a dita união com Cristo não significa somente dizermos que somos cristãos, ou apenas participarmos de ritos e celebrações. A permanência desse “*estar com Ele*” é deixarmos ser alimentados por sua palavra, seguirmos seu exemplo de vida, comprometermo-nos em manter viva sua Verdade por meio de nossos atos. Sinceramente, creio que muitos, mesmo não dizendo ser cristãos, estão fortemente ligados à verdadeira videira, pois tal vínculo não se dá por palavras ou por denominações religiosas, mas por atos e testemunhos.

O verdadeiro cristão tem em Jesus a sua referência, identifica-se com Ele, vive em comunhão com Ele, segue-O em todos os momentos no amor a Deus, especialmente na entrega amorosa aos irmãos. Pode-se dizer que o cristão “*vive de Cristo, vive com Cristo e vive para Cristo*”.

Mas o que seriam os “ramos secos” citados por Jesus? Cremos serem aqueles que um dia, mesmo se comprometendo com Cristo e com seus ensinamentos, desistiram de segui-lo, renunciaram ao seu projeto de vida, esqueceram que ser cristão não é um mero compromisso verbal, mas sim o testemunho permanente na concretização de sua Verdade. Ocorre que, antes de secar, os ramos podem apresentar pequenas “obstruções”, misérias e fragilidades que obstaculizam a permeabilidade da “seiva”, da vida divina, situações que nos impede de responder positiva e concretamente ao divino chamado. Essa realidade ocorre quando conduzimos a nossa vida pelos caminhos do egoísmo, do ódio, do desamor, da vaidade, renunciando, assim, a vida verdadeira que a nós oferece; quando para nós o dinheiro, o êxito, o poder, o orgulho, o amor-próprio, são mais importantes do que os valores apresentados e testemunhados por Jesus. Faz-se necessária, então, uma “limpeza”, uma desobstrução desses obstáculos, possibilitando o retorno da circulação da vida divina em cada um de nós, de forma fluida e abundantemente.

Com frequência, seguindo a lógica humana, buscamos a “vida” em outras “árvores”, as quais, invariavelmente, produzem frutos de insatisfação, frustração, egoísmo e dor.

Teríamos consciência de que é nas palavras e no exemplo de Cristo que podemos encontrar uma proposta de vida verdadeira? Seria Ele para nós a verdadeira “árvore da vida”, ou optamos por caminhos de autossuficiência e colocamos a nossa confiança em outras “árvores” mundanas e temporais?

Reflitamos, então, de qual videira somos ramos e quais os frutos que produzimos?

Um fraterno abraço a todas e todos vocês e fiquem em Paz.

Milton Menezes.